

XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

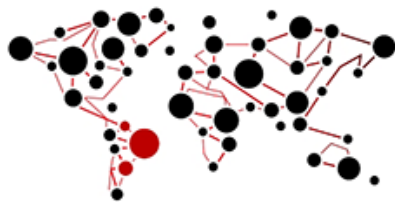
Resumo

Esta pesquisa procura abordar as práticas artísticas no espaço público em Salvador-Ba, com intenção de entender como a arte de rua se relaciona com o lugar ao qual estão inseridas e revelam as fragmentações do espaço urbano, além de compreender o cotidiano da cidade e sua significação real e imaginária. Para tanto, a pesquisa concentra-se na compilação de ações artísticas realizadas de formas independentes, por diversos artistas que utilizam a cidade para expressar seus talentos, como também forma de sobrevivência. Foram escolhidas intervenções desenvolvidas no Centro Histórico da cidade de Salvador-Ba, durante os anos 2018 e 2019.

A presente pesquisa tem por objetivo estudar a cidade e a arte produzida por artistas que buscam sair dos lugares convencionais da arte e incorporam uma dimensão política ao expressar suas visões de mundo através de manifestações sensíveis e engajadas realizadas em espaços públicos em contato direto com a sociedade. O contexto do surgimento do processo contemporâneo da arte socialmente engajada e que se apropria dos espaços públicos tem sua gênese nas décadas de 1960 e 1970, pois é nesse período que emergem movimentos de contracultura marcados por reivindicações sociais e culturais em todo o mundo ocidental como o Movimento Hippie, nos Estados Unidos, o Movimento *Hip-Hop*, a Revolução Cubana, os *Black Panthers* e o Movimento de 1968 na França. No Brasil, o Golpe de 64 e a Ditadura Militar, marcam radicalmente a cultura e a arte nacional (Campbell, 2018).

A principal proposição da arte de rua é sair dos lugares “tradicionais”, ou seja, aqueles destinados à exposição e apresentações artísticas (teatros, cinemas, museus, galerias...) para viabilizar a arte de maneira democrática e criar rupturas no frenético cotidiano das cidades contemporâneas. Artistas inconformados com padrões estabelecidos, utilizam as ruas, os espaços públicos a fim de desenvolver seus processos artísticos e criativos, transformando a si e o espectador ao interferir nos espaços da cidade.

O modelo atual de produção do espaço urbano reproduz cada vez mais os processos excludentes, pelo seu uso fragmentado como situa Corrêa (1991), ao considerar o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas de classe. Nesse contexto, o Centro Histórico de Salvador, após a requalificação de 1991, seguiu uma tendência mundial de valorização dos centros históricos das cidades, que sucederam transformações sócio-espaciais, alterações funcionais e exclusão de moradores. Esse espaço social e histórico foi apropriado por dinâmicas pautadas pelas leis do capital cultural e imobiliário (Leite, 2007), sendo um lugar destinado ao turismo.



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

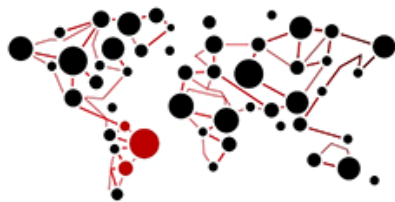
Ao evidenciar tais transformações e a mercantilização no Centro Histórico, uma questão fundamental que motiva esta pesquisa, é ressaltar as potencialidades artísticas produzidas nas ruas que atribuem outros sentidos de uso no espaço urbano. Essas práticas, em sua maioria realizada de formas autônomas e independentes, criam maneiras subversivas de ocupações, pois fogem da lógica homogeneizante de cultura.

INTRODUÇÃO

“Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, todo artista tem que ir onde o povo está...” O trecho da música de Milton Nascimento expressa com sensibilidade o trabalho diário do artista de rua. São utilizadas praças, escadarias, sinaleiras, ônibus, ruas e os mais diversos lugares onde a criatividade alcança para comunicar de maneira democrática a arte. A presente pesquisa tem por objetivo estudar a cidade e a arte produzida por artistas que buscam sair dos lugares convencionais da arte e incorporam uma dimensão política ao expressar suas visões de mundo através de manifestações sensíveis e engajadas realizadas em espaços públicos em contato direto com a sociedade. O contexto do surgimento do processo contemporâneo da arte socialmente engajada e que se apropria dos espaços públicos tem sua gênese nas décadas de 1960 e 1970, pois é nesse período que emergem movimentos de contracultura marcados por reivindicações sociais e culturais em todo o mundo ocidental como o Movimento Hippie, nos Estados Unidos, o Movimento Hip-Hop, a Revolução Cubana, os Black Panthers e o Movimento de 1968 na França. No Brasil, o Golpe de 64 e a Ditadura Militar, marcam radicalmente a cultura e a arte nacional (Campbell, 2018). A principal proposição da arte de rua é sair dos lugares “tradicionais”, ou seja, aqueles destinados à exposição e apresentações artísticas (teatros, cinemas, museus, galerias...) para viabilizar a arte de maneira democrática e criar rupturas no frenético cotidiano das cidades contemporâneas. Artistas inconformados com padrões estabelecidos, utilizam as ruas, os espaços públicos a fim de desenvolver seus processos artísticos e criativos, transformando a si e o espectador ao interferir nos espaços da cidade.

A arte no espaço urbano como ação política: as microutopias urbanas

Para compreender a arte no espaço urbano e sua atuação enquanto ação política, é preciso introduzir a reflexão das questões de dimensão do tempo e do espaço, sobretudo considerando o espaço como participante ativo na construção social, histórica e geográfica. Apreendendo o mundo como uma totalidade em movimento, Santos (2002) vai enfatizar, que o espaço é uma instância,



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

resultado da união indissociável entre o sistema de objetos e sistema de ações, sendo assim possível analisar a sociedade e suas dinâmicas através do uso do território:

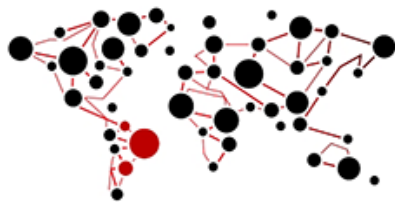
É desse modo que o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro. Ou como escreve E.Relph (1976, p.125): “os lugares são, eles próprios expressão atual de experiências e eventos passados e de esperanças no futuro.” (SANTOS, 2002, p.102).

Referente ao espaço urbano contemporâneo, é preciso perpassar algumas questões que são centrais à lógica das cidades e a reprodução das relações capitalistas. O espaço é ocupado por diferentes funções: trabalho, habitação, consumo, lazer etc; e que pelo crescimento das cidades, se evidencia a diferenciação e concentração dos serviços em determinadas áreas implica a separação entre centro e periferia. Nas palavras de Corrêa (1993, p.7):

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos em si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aqueles de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado.

Por tanto, o espaço urbano é por excelência o espaço das desigualdades, mas essa compreensão ficaria incompleta sem a consideração das possibilidades que os distintos grupos sociais têm de, por meio de suas práticas espaciais, criar táticas (CERTEAU, 1994) que criam rupturas a essa lógica de produção das cidades. Por isso pensar os elos entre arte e ação política na cidade, como práticas que ampliam as reivindicações de outros usos do espaço urbano em diferentes contextos históricos.

Há várias maneiras de periodizar e abordar as obras de arte em contato com a política. Optamos pois, pelas as décadas de 1960 e 1970, que assimilaram ao campo das artes importantes transformações paradigmáticas que envolvem as práticas artísticas no espaço público urbano. Mundialmente, essas décadas guardam a passagem do período das relações pós-Segunda Guerra Mundial, onde a cultura dos países vencedores é disseminada de maneira a homogeneizar os lugares e há maior mercantilização da arte. No Brasil a Ditadura Militar, a censura e a repressão à livre expressão, o exílio de intelectuais e artistas, influenciam radicalmente na produção artística e



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

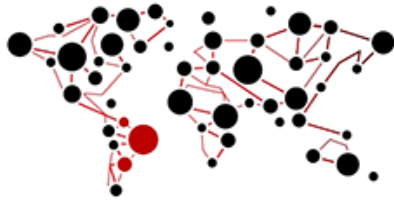
cultural.

Prosperam os movimentos de contracultura e o espírito de contestação, por todo o mundo ocidental. Os artistas desse período buscam desenvolver estratégias contra o sistema político e contra o sistema da arte, ao deslocar a arte para as ruas, caminhando para um diálogo com o cotidiano. Nas artes visuais, havia um retorno dos ideais vanguardistas do início do século e seus anseios de autonomia da arte, por meio de um impulso utópico e do desejo de se utilizar a arte como instrumento de transformação social, misturando experimentação, questionamento do estatuto e do mercado de arte. Esse contexto histórico pode ser entendido como uma gênese dos processos artísticos contemporâneos de diferentes linguagens relacionados à arte política, ativista, socialmente engajada e que utiliza do espaço urbano para ação política cada vez mais presente no cotidiano das cidades (CAMPBELL, 2015).

Enquanto os processos de apropriação e produção do espaço urbano superpõe cada vez mais relações instantâneas, provocando o isolamento dos indivíduos e impossibilitando a relação de troca com o outro, as ações artísticas enquanto microutopias na cidade ressignificam o lugar, propondo a pausa, o sensível, a reflexão, criam interferências no cotidiano dos habitantes da cidade:

[As práticas artísticas] se apropriam do espaço público como lugar de conflito e, portanto, podem realizar ali uma ação crítica que cria outros imaginários possíveis. Funcionando como base de potência imaginativa para outros usos do mesmo e conhecido lugar, pois, muitas vezes, nos falta referência para imaginar uma cidade e modos de viver diferentes. Quando experienciamos isso na prática, podemos criar, através destes micromodelos, modos de imaginar e romper a lógica dos usos dos espaços, criando territórios livres para experimentação e a vivência da arte e das relações na cidade. (CAMPBELL, 2015, p.51).

A vida urbana e também o lugar do descontentamento decorrente da força das ideologias, da artificialidade da experiência urbana. Quem está propondo outras formas de viver na cidade? Nos últimos vinte anos, é fundamental destacar o papel dos movimentos sociais brasileiros na reivindicação para assegurar direitos dos cidadãos e enfrentamento de pautas na construção de uma sociedade mais igualitária. Pensando na utopia tomando a perspectiva de Eduardo Galeano (1993), que serve, antes de tudo, para nos pôr em movimento. As narrativas utópicas apontam para novas sociedades a serem construídas baseadas na liberdade e igualdade. A utopia nos alimenta no presente e emana ordens/práxis para estruturar novas formas de produzir uma sociedade mais justa. Pensando a utopia nas cidades contemporâneas Barbosa (2018):



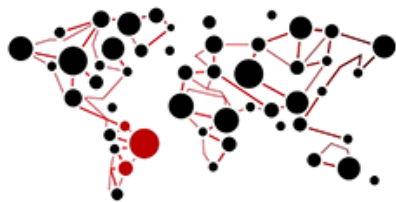
XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

A cidade é o solo fértil das narrativas utópicas e, simultaneamente, a fertilização da utopia como estilo de imaginário. As contradições, os conflitos e as inequidades que se fazem presentes na cidade seriam o compósito de negação criativa na imaginária utópica. [...] as utopias são lugares privilegiados nos quais se exerce a imaginação, nos quais são acolhidos, trabalhados e produzidos os sonhos individuais e coletivos. A utopia é, portanto uma imaginária que coloca na cena política sujeitos autônomos e coletivos na construção de possibilidades de suas existências plenas. (BARBOSA, 2018, p.98)

Como unir as ações artísticas para realização da utopia? As práticas artísticas pois, podem ser um instrumento que provoque a reflexão crítica e nos coloca mais próximo da imaginação e desejo de mudança. Calvino (1990, p.19) enfatiza que faz-se urgente “mudar de ponto de observação, considerar o mundo sobre outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento [...]”. A utopia é um exercício de resistência para conclamar outra, radial e plural, existência em sociedade.

Nenhum desses imaginários é inocente. Nem se deveria esperar que o fossem [...] Cada um de nós, sem exceção, tem algo a pensar, a dizer e a fazer no tocante a isso. A maneira como nossa imaginação individual e coletiva funciona é portanto crucial para definir o trabalho da urbanização. A reflexão crítica sobre o imaginário envolve todavia tanto enfrentar o utopismo oculto como ressuscitá-lo a fim de agir como arquitetos de nosso próprio destino em vez de como 'impotentes marionetes' dos mundos institucionais e imaginativos que habitamos. (HARVEY, 2006, p. 210-211)



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

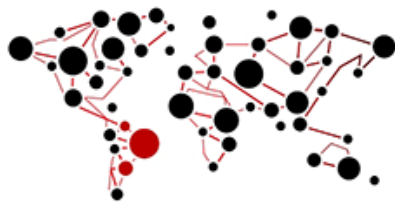


Figura 1: Graffiti no lixo (Centro Histórico de Salvador-Ba)
Fonte: acervo pessoal da autora

Na rua há arte!

As ruas da cidade entram em cena como receptáculo de práticas artísticas que criam sociabilidades no espaço público tanto para seus agentes quanto para os receptores. As relações que se estabelecem na rua, assumem o caráter dialético diante da crise urbana atual, onde prevalece à cidade como mercadoria. Henri Lefebvre propôs argumentos que confrontam contra e a favor da rua:

“Contra a rua”. Lugar de encontros? Talvez, mas quais encontros? Superficiais. Na rua caminha-se lado a lado, não se encontra. É o “se” que prevalece. A rua não permite a constituição de um grupo, de um “sujeito”. (...) A rua converteu-se em rede organizada pelo para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada, é aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

vitrinas, de comprar os objetos expostos” (LEFEBVRE, 1999).

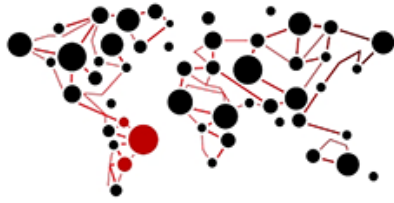
A arte ao apropriar-se das ruas, praças, parques, prédios, escadarias reinventam os espaços públicos da cidade que passam a significar não só estruturas físicas, mas suportes para a expressão de artistas que com suas intervenções, “alteram” sua funcionalidade, criam detalhes poéticos no cotidiano que foge da reprodução capitalista neoliberalista e podem ser caracterizadas como pequenos gestos revolucionários, que ao romper com o isolamento, caminham em direção à abertura e ao encontro, subvertendo a lógica hegemônica.

“A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada.” (LEFEBVRE, 1999).



Figura 2: Arte de rua Salvar! (Centro Histórico – Salvador-Ba). Fonte: acervo pessoal da autora

Elucidar as maneiras criativas de apropriação das ruas como formas de rupturas no cotidiano nas cidades, que envolvem mecanismos coletivos, lúdicos, subjetivos, motivadas por sentimentos de esperança e solidariedade, praticados por cidadãos que encontram na arte uma forma de sobrevivência, articulam elos que contribuem para a compreensão da cidade e seus aspectos sociais e culturais.



XIII ENANPEGE

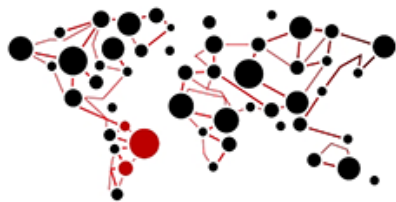
A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

É necessário abrimo-nos a outras soluções fundadas no tripé: território, cotidiano e culturas. Gente reunida é produtora de economia, criando, conjuntamente, economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país “de baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, representativas, autênticas. É aí que se concentra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas das tradições quanto das inovações. Esse mundo dos homens lentos é que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção (SANTOS, 2005, p.36).

O movimento artístico insurgente nas ruas do Centro Histórico de Salvador-Ba

O modelo atual de produção do espaço urbano reproduz cada vez mais os processos excludentes, pelo seu uso fragmentado como situa Corrêa (1991), ao considerar o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas de classe. Nesse contexto, o Centro Histórico de Salvador, após a requalificação de 1991, seguiu uma tendência mundial de valorização dos centros históricos das cidades, que sucederam transformações sócio-espaciais, alterações funcionais e exclusão de moradores. Esse espaço social e histórico foi apropriado por dinâmicas pautadas pelas leis do capital cultural e imobiliário, sendo um lugar destinado ao turismo. Segundo Leite (2007):

As práticas de intervenção urbana continuam a “embelezar” estrategicamente as cidades históricas por meio de políticas de gentrification do patrimônio cultural. [...] reeditam política e espacialmente formas históricas de desigualdades e exclusão social quando restringem os usos dos lugares da vida pública aos moradores e frequentadores dessas áreas (LEITE, 2007, p. 19).



XIII ENANPEGE

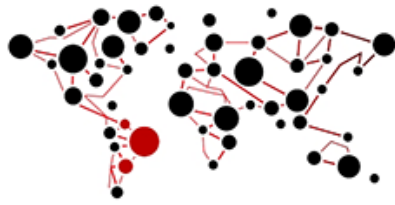
A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO



Figura 3: O centro antigo Sangra/espetacularização da cultura. (Centro Histórico – Salvador-Ba)

Fonte: acervo pessoal da autora

Ao evidenciar tais transformações e a mercantilização no Centro Histórico, uma questão fundamental que motiva esta pesquisa, é ressaltar as potencialidades artísticas produzidas nas ruas que atribuem outros sentidos de uso no espaço urbano. Essas práticas, em sua maioria realizada de formas autônomas e independentes, criam maneiras subversivas de ocupações, pois fogem da lógica homogeneizante de cultura. Nesse sentido, trago como experiência a intervenção na escadaria do Passo, o MIAU - Mostra Internacional de Arte Urbana, que reuniu artistas do Brasil, Chile, Uruguai e outros países, atraindo admiradores e público interessado na arte de rua. Poesias, exposição de livros, malabares, teatro, música, gastronomia e muitos risos, ocuparam a escadaria da Igreja do Passo no Centro Histórico de Salvador. Uma ação que começou em setembro de 2018 e vem acontecendo na primeira quinta-feira de cada mês. O evento tem apoio da revista *Ômnira* e do Movimento Literário Kutanga/Angola, é realizado pelo Gato Preto da Sorte Produções e a UBESC – União Baiana de Escritores. Esse caso de intervenção artística, pode sugerir um uso sensível e democrático do espaço público, ou um contra-uso, como expressa Leite (2007):



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

Certos contra-usos podem contribuir para politizar “taticamente” uma paisagem urbana também politizada “estrategicamente” pela gentrification, para argumentar que a desapropriação de “sujeitos” não reduz o sentido público do espaço urbano, mas pode representar uma reordenação da sua lógica interativa, a partir das apropriações (“táticas”) dos espaços mediante a construção dos lugares. (LEITE, 2007, p. 19)

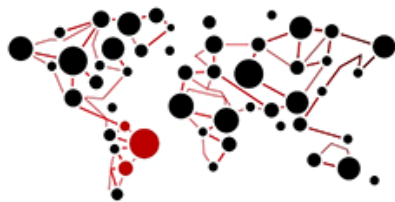


Foto: Ocupação artística MIAU (Centro Histórico Salvador-Ba) Fonte: acervo pessoal da autora

É no espaço público que emerge os encontros das diferenças e semelhanças, as disputas, a condição cidadã, a possibilidade de democracia. Diante do cenário atual, da conjuntura política e da vida cotidiana da cidade contemporânea, qual o papel da arte? Onde encontrar o lugar do sensível? Quem está interessado(a) em criar outras formas de viver na cidade?

Considerações para seguir outras narrativas

Refletindo sobre utopias experimentais, narrativas poéticas dos habitantes e experiências cotidianas; apropriação do espaço urbano (LEFEBVRE, 2001) a arte como forma de suportar o



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

mundo, a sociedade excludente, a microutopias e as resistências urbanas aparecem como possibilidade de interpretar e recriar esferas a partir de outros meios de conhecimento. Acreditando na importância e o papel que essas ações artísticas independentes representam na cidade, e a arte eclode como produção de valores, são instrumentos de reivindicações a participação efetiva da cidade de maneira democrática e não o consumo de uma cultura e arte que dissemina uma ideologia de uma classe dominante que oculta as diferenças e legitimam a lógica de produção hegemônica.

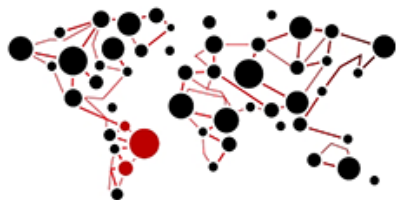
O conceito basilar é o lugar, onde o fenômeno se corporifica e possibilita o estudo da realidade cotidiana, na concepção de Carlos (1996, p.26) “são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana”.

As possibilidades de criar trajetórias de ação individual/coletiva para idealizar e produzir modelos de estar, resistir e viver no mundo são demandas urgentes para nós (aqui me incluo) que não pretendemos aceitar de forma inerte a sociedade do modo como às coisas estão estruturas. Então por que não enunciar as utopias como lugar a ser alcançado? Que a palavra de ordem seja a existência em sua forma plena e intensa em sua pluralidade. A intenção deste artigo é ressaltar que existem diversas táticas e resistências ao cotidiano e seus elos interdisciplinares na sua multiplicidade de conhecimentos possíveis, sendo assim as considerações não são finais, pois acreditamos que o campo de pesquisa se encontra em processo de indagações e investigações.

Contudo as ideias estão em curso no sentido de outra lógica de pensar maneiras de emancipação e isso no sentido de um novo mundo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jorge Luiz. **Por uma cartografia de microutopias reinvencão da cidade.**
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança.** São Paulo: Loyola, 2006.
- JESUS, Valdeck Almeida de. (Org.) **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana.** Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na**



XIII ENANPEGE

A GEOGRAFIA BRASILEIRA NA CIÊNCIA-MUNDO:
produção, circulação e apropriação do conhecimento
DE 2 A 7 DE SETEMBRO DE 2019 · SÃO PAULO

experiência urbana contemporânea. 2 ed. Campinas- SP: editora da Unicamp; Aracaju- SE: UFS, 2007

RELPH, Edward. **Place and placelessness.** Londres: Pion, 1976.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2005.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SAJA, José Antônio. A arte é uma questão dirigida ao mundo! In: Silva, Maria Auxiliadora; Pidner (Org.). **Geografia, Literatura e Arte: Inspirações para Construir Diálogos .** Salvador: EDUFBA, 2017.

TENNINA, Lucía. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e**

a

p

l

a

u

s

o

s

.

E

s

t

u

d

.

L

i

t

.

B

r